



TEOLOGIA E SEXUALIDADE: REVISITANDO HISTÓRIAS E RECONHECENDO URGÊNCIAS

Theology and sexuality: revisiting stories and recognizing urgencies

Daniela Senger¹

Resumo

Este instrumento visa refletir o tema da sexualidade em interface com a teologia, buscando revisar histórias e reconhecer urgências que se impõem ante uma realidade da vida humana ainda muito silenciada no campo teológico. A teóloga argentina Marcella Maria Althaus-Reid levanta questionamentos sobre a inclusividade parcial que perpassou as lutas da Teologia da Libertação no século XX e deixou marcas na Teologia Latino-americana, nas comunidades/organizações religiosas e na sociedade atual. Segundo Althaus-Reid (2006), ideologias de gênero e sexualidade causaram e causam sofrimento e marginalização. Frente a essa constatação, buscar-se-á refletir sobre as urgências que se colocam no caminho da teologia, cuja natureza é ser responsabilidade crítica da fé (METZ, 1976), em termos de diálogo, discursos, conscientização, ressignificações e transformações da realidade. A teóloga brasileira Wanda Deifelt nos remete a pensar de que forma o sofrimento e a dor moldaram o cristianismo e a teologia, negando a sexualidade e o corpo. Segundo Deifelt (2008), urge ressignificarmos dois símbolos centrais da comunidade cristã: a cruz e a árvore da vida. “A cruz quando não ressignificada nega a sexualidade; a árvore da vida quando não ressignificada controla a sexualidade” (DEIFELT, 2008).

Palavras-chave: Teologia. Sexualidade. Violência. Cruz. Árvore da vida.

Abstract

This instrument aims to reflect on the interface between sexuality and theology, seeking to revisit stories and recognize urgencies that are imposed before a reality of human life which is still much silenced in the theological field. The Argentine theologian Marcella Maria Althaus-Reid raises questions regarding the partial inclusiveness that pervaded Liberation Theology's struggles in the twentieth century and left marks on Latin American Theology, religious communities/organizations and today's society. According to Althaus-Reid (2006),

¹ Mestre em Teologia pela Faculdades EST. Integrante do Núcleo de Pesquisa de Gênero/Programa de Gênero e Religião. E-mail: danysenger@gmail.com

gender and sexuality ideologies have caused and still cause suffering and marginalization. In view of this finding, the study will seek to reflect on the urgencies that stand in the way of theology, whose nature is to be the critical responsibility of faith (METZ, 1976), in terms of dialogue, discourses, awareness, resignification and transformation of reality. The Brazilian theologian Wanda Deifelt leads us to think in what ways have suffering and pain shaped Christianity and theology, denying sexuality and the body. According to Deifelt (2008), it is urgent to resignify two main symbols of the Christian community: the cross and the tree of life. "The cross, when it is not resignified, denies sexuality; the tree of life, when it is not resignified, controls sexuality "(DEIFELT, 2008).

Keywords: [Theology. Sexuality. Violence. Cross. Tree of life.]

Considerações Iniciais

[Esse estudo intenta revisitar histórias e reconhecer urgências que se impõem ante uma realidade da vida humana ainda muito silenciada no campo teológico, em conformidade com o ethos crítico inerente ao fazer teológico e com base nas premissas da teologia feminista, cujas ações fundantes são desconstruir para reconstruir.

Antes de tudo, começemos com algumas vozes motivadoras quanto ao porque precisamos falar (mais) sobre isso no âmbito da teologia cristã. O teólogo e filósofo alemão Paul Tillich explicita que

o método de correlação explica os conteúdos da fé cristã através de perguntas existenciais e de respostas teológicas em interdependência mútua. [...] A teologia faz as perguntas implícitas na existência humana, e a teologia formula as respostas implícitas na auto manifestação divina guiando-se pelas perguntas implícitas pela existência humana. Isto é um círculo que conduz o ser humano a um ponto em que pergunta e resposta não estão separadas².

Perguntar e responder são ações imbricadas inerentes à teologia, a qual se ocupa com a existência humana e suas urgências existenciais. Metz afirma que a missão da teologia está na sua natureza de ser responsabilidade crítica da fé cristã. A teologia está diretamente ligada a tudo que é social e público, visando a responder e endereçar problemas públicos, de modo a zelar por direito e liberdade *em cada época e contexto*³. A Teologia, voltada para a verdade da mensagem de Deus, torna-se prática e crítica frente à realidade do mundo que enxerga em dada época e contexto.

² TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 74-75.

³ METZ, Johann Baptist. *Teologia Política*. Trad. Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976, p. 65.

Segundo o teólogo brasileiro André Musskopf (2012b), as religiões (como instituições que defendem compreensões e ideologias no campo político) são espaços de disputa. É preciso *construir* teologias e práticas eclesiológicas pautadas na laicidade do Estado, no respeito aos Direitos Humanos e à sexualidade humana, reconhecendo a diversidade, fluidez, ambiguidade e mistura que comportam a vida humana e as vivências nesse tocante e como estes aspectos estruturam as relações humanas⁴.

Para o teólogo, o itinerário a ser seguido nessa viagem para (re)construir a teologia supradita se pauta em uma articulação do discurso e da prática: discussão teológica acadêmica, diálogo interdisciplinar e com movimentos sociais, etc. “*Ocupar, resistir, produzir...*”, programa base de articulação do Movimento Sem Terra, são, segundo Musskopf, ações da teologia feminista e da teologia gay na luta pelo direito ao próprio corpo e proposta da teologia queer defendida pelo estudioso. Musskopf afirma que o controle dos corpos resiste e é corroborado por certas vozes religiosas, ao passo que as próprias igrejas têm voz e espaço para trilhar caminhos libertadores nesse campo⁵.

O estudo aqui apresentado toma dois textos de teólogas latino-americanas e os coloca em posição relacional, no sentido de que um complementa o outro e ambos convidam a desconstruir a história para (re)construir um fazer teológico que leve em conta as sexualidades humanas, os corpos que urgem por direitos e saúde. Afinal, existe teologia sem corpo? Sem carne? Sem vida? Sem relações humanas?

Revisitando histórias

Em seu texto “*Demitologizando a Teologia da Libertação. Reflexões sobre poder, pobreza e sexualidade*” a teóloga argentina Marcella Maria Althaus-Reid (2006) levanta questionamentos sobre a inclusividade (prioridade da Teologia da Libertação-TdL) parcial que perpassou as lutas da TdL no século XX e deixou marcas na Teologia latino-americana, em comunidades/organizações religiosas e na sociedade de hoje. Althaus-Reid confirma que a opção pelos pobres e a luta por inclusividade da TdL não atingiram espontaneamente

⁴ MUSSKOPF, André. Religião e sexualidade. Mandrágora. v.18. n. 18, 2012b. p. 143-150.

⁵ MUSSKOPF, André. Via (da) gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil. Fonte, 2012a; MUSSKOPF, André. Via(da)gens teológicas. Itinerários de uma teologia queer no Brasil. Entrevista. IHU. 07/09/2008. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/16519-viadagens-teologicas-itinerarios-de-uma-teologia-queer-no-brasil-entrevista-especial-com-andre-musskopf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

mulheres pobres ou gays pobres, por exemplo (os pobres visados pela TdL eram masculinos, camponeses, cristãos e heterossexuais, majoritariamente)⁶.

A autora anui que a demitologização da TdL é um exercício necessário para dar continuidade à caminhada teológica em contexto latino-americano. Isso quer dizer que é preciso reconhecer, ao lado das conquistas e ações positivas, revolucionárias e transformadoras da TdL, os seus traços ingênuos, hegemônicos e autoritários.⁷

Assim, demitologizar a TdL implica em enxergar uma teologia sem mitos: “a teologia que prometia uma opção para os pobres também definiu, ideologicamente, uma identidade cristã baseada em identidades patriarcais e colonialistas” (ALTHAUS-REID, 2006, p. 459), de forma que a própria noção normativa de sexualidade foi (e mantém-se) construída ideologicamente.

A teóloga constata, a partir dessa realidade fundante da TdL, que: a estrutura da época e contexto não permitiu que todas as pessoas *sem voz* fossem ouvidas; urge resgatar uma noção que reconheça a diversidade de identidades dentro do cristianismo: “as pessoas pobres apresentam-se em muitas cores, contextos culturais e sexualidades”⁸; a TdL se fundamentou em modelos europeus medievais de relacionamentos afetivos, pautados por interesses econômicos; formas de amor à margem destes modelos não foram contemplados ou aceitos por princípios ideológicos, conclui.

Sexualidade e poder estão imbricados na fundamentação da TdL com vistas ao controle dos corpos. A sexualidade, parte central da vida humana, é normatizada a partir de agendas ideológicas, tornando-se *preocupação* severa da igreja, do Vaticano e de instituições religiosas, ou seja, atenção obsessiva à (ao controle d)a sexualidade. Nesse sentido, Althaus-Reid enumera alguns assuntos que estão em pauta constante no âmbito religioso: o aborto, o uso de contraceptivos, o uso de preservativos, a inseminação artificial, o sexo fora do casamento, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, o divórcio, a diversidade sexual, etc.⁹

Althaus-Reid pontua que toda a missão da igreja na AL configurou também uma conversão sexual do povo nativo, que foi trazido para dentro do sistema do colonizador

⁶ ALTHAUS-REID, Marcella María. Demitologizando a teologia da libertação. Reflexões sobre poder, pobreza e sexualidade. Teologia para outro mundo possível. São Paulo: Paulinas, p. 455-470, 2006.

⁷ ALTHAUS-REID, 2006.

⁸ ALTHAUS-REID, 2006, p. 460.

⁹ ALTHAUS-REID, 2006.

européu, tendo (também e até) a sua identidade sexual negada, bem como o seu modo de se relacionar rejeitado.

O problema é que, infelizmente, o discurso teológico na Igreja não é um discurso reflexivo sobre a sexualidade ou uma reflexão verdadeiramente teológica sobre questões de sexualidade: em sua maior parte, ele é meramente um instrumento de poder [para o controle dos corpos]¹⁰.

Segunda a teóloga, as questões de gênero e sexualidade são centrais para a igreja, pois o discurso (ou o silêncio) da igreja sobre a sexualidade humana sustenta um discurso ideológico que se pauta no poder e controle hegemônicos. A questão urgente não é discutir práticas sexuais, mas reconhecer e, por consequência, desafiar as estruturas hierárquicas e de poder que perfazem esse modelo. Reitera Althaus-Reid que “para a libertação da teologia, a sexualidade importa”¹¹, e o ato de “importar-se” prevê duas ações iniciais: contestar ideologias hegemônicas na igreja e na teologia; restaurar a mensagem do Evangelho por meio de uma práxis pautada na justiça: denunciar. É importante denunciar e desmontar

o marco referencial teológico que apoia alianças entre Igreja e Estado ou entre representantes da Igreja e oligarquias locais. [...] Nenhuma teologia [...] pode ser considerada sexualmente neutra¹².

Althaus-Reid é categórica ao afirmar que a categoria *gênero*¹³ é socialmente construída e passível de mudanças históricas, culturais e contextuais; assim, a sexualidade também não é universal e fixa. Nesse tocante, faz-se mister salientar que a sexualidade engloba muitos aspectos da vida humana e é perpassada por uma diversidade de influências, conforme descreve Côrrea et al:

¹⁰ ALTHAUS-REID, 2006, p. 462.

¹¹ ALTHAUS-REID, 2006, p. 462.

¹² ALTHAUS-REID, 2006, p. 463.

¹³ Ressaltam-se alguns conceitos concomitantes acerca da categoria de gênero: "Gênero deve ser visto como elemento constitutivo das relações sociais, baseadas em diferenças percebidas entre os sexos, e como sendo um modo básico de significar relações de poder". SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Sociedade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990. p. 14; "Gênero não pretende significar o mesmo que sexo, ou seja, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado à sua construção social como sujeito masculino ou feminino". LOURO, Guacira L. Nas Redes do Conceito de Gênero. In: LOPES, M.J.M. MEYER, D. E. WALDOW, V.R. (Orgs.) Gênero e Saúde. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1996. p. 8. "Gênero quer dizer, entre outras coisas, falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico do nosso ser, e de outro lado, num caráter que vai além do biológico, porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião." GEBARA, Ivone. Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal. São Paulo: Vozes, 2000. p. 107.

Sexualidade é um aspecto central do ser humano do começo ao fim da vida e circunda sexo, identidade de gênero e papel, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Enquanto a sexualidade pode incluir todas estas dimensões, nem todas são sempre vividas ou expressadas. *A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais*¹⁴.

A sexualidade é uma nuance da vida humana que se reelabora de acordo com a sua época, contexto e influências, o que reverbera o dito de Althaus-Reid acerca da *não neutralidade* da teologia ante esse aspecto central e complexo da vida dos povos de Deus.

Althaus-Reid assevera que, na teologia cristã, o discurso que revela um Deus que é Pai e Ele não se pauta em garantir um *Deus masculino*, ou seja, não é, primordialmente, uma questão de comportamento de gênero, é, pois, uma questão de sexualidade (a heterossexualidade de Deus). Deus é marido, Senhor. Deus procria com uma virgem: “aqui está o cerne do cristianismo, a sexualidade de Deus manifestada na história de encarnação de Jesus Cristo, o Libertador”¹⁵.

Sob a hermenêutica da suspeita, Althaus-Reid (2006) convida à teologia a contemplar as seguintes interpelações, não de forma conclusiva, mas de modo manente:

- Uma sexualidade normativa (hetero) foi sacralizada e tornou-se um ídolo na TdL, embora seja uma construção cultural e econômica, sujeita a mudanças;
- Ideologias (políticas, sexuais ou religiosas) precisam ser questionadas para a libertação das teologias e para melhor compreender Deus;
- O rosto de Deus precisa ser redescoberto entre outros rostos do próprio povo;
- Falar de Deus-mãe na Trindade (masculina) não é a resposta, visto que essa posição corrobora a ideologia de que o feminino está atrelado primordialmente à capacidade de gestar. A mulher é mulher, não mãe ou esposa. Deus é Deus, não a cabeça de uma tribo patriarcal;
- Ideologias de gênero e sexualidade causaram e causam sofrimento e marginalizam o povo. A TdL pouco ouviu e incluiu essas vozes marginalizadas em seu fazer teológico clássico;

¹⁴ CORRÊA, Sonia; ALVES, José Eustáquio Diniz; JANNUZZI, Paulo de Martino. Direitos e saúde sexual e reprodutiva: marco teórico-conceitual e sistema de indicadores. In: CAVENAGHI, Suzana (Org.). Indicadores municipais de saúde sexual e reprodutiva. Rio de Janeiro: ABEP, Brasília: UNFPA, 2006, p. 53. (Grifo nosso).

¹⁵ ALTHAUS-REID, 2006, p. 466.

- A vida humana é perpassada pela *diversidade*, em todas as suas fases, épocas e contextos. A *diversidade sexual* é uma faceta inegável da vida.;

No entanto, ante a reflexão supradita é essencial reconhecer que a Teologia da Libertação foi espaço epistemológico basilar para o nascimento e florescimento das *Teologias da Libertação... negra, mulherista, womanista, indígena, etc.*¹⁶ Ao ler Althaus-Reid, percebe-se que *demitologizar* a TdL é um caminho para reverter e transformar amarras ideológicas e romper silêncios quanto ao tema da sexualidade, não se trata de uma negação supérflua e infundada da TdL.

Reconhecendo urgências

Ao falarmos, primeiramente, sobre o controle ideológico dos corpos, encabeçado e mantido por muitas teologias cristãs, a teóloga brasileira Wanda Deifelt, a partir do seu texto “Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violência e sexualidade”, nos remete a pensar de que forma o sofrimento e a dor (infligidos aos corpos) moldaram o cristianismo e a teologia e quais são as alternativas de ressignificação de dois símbolos centrais da comunidade cristã: a cruz e a árvore da vida¹⁷.

Deifelt reitera que a religião tem a tarefa de conectar o humano com o divino (rituais, práticas, tradições). Por outro lado, também é de sua incumbência analisar criticamente de que forma as suas práticas afetam a qualidade de vida das pessoas em cada época e contexto. No cristianismo, uma pergunta crítica a ser feita é: qual o papel da religião como legitimadora da violência?

Historicamente, o cristianismo é marcado pela violência e por uma prática discursiva violenta; ante essa natureza, o sofrimento foi imposto em nome da religião: o signo que funda o cristianismo é um instrumento de violência e se tornou símbolo da religião cristã. Assim, o cristianismo não pode se abster de lidar com o tema da violência e desconstruir a relação entre violência e religião para reconstruir e ressignificar o *ethos* do cristianismo como uma religião que está para a *não violência*¹⁸.

¹⁶ MUSSKOPF, 2008.

¹⁷ DEIFELT, Wanda. Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violência e sexualidade. In: NEUENFELDT, Elaine et al. *Epistemologia–Violência–Sexualidade*. Editora Sinodal, 2008.

¹⁸ DEIFELT, 2008, p. 18.

A autora observa que o discurso religioso estabelece regras e normatiza condutas aceitáveis nas sociedades. Com relação ao discurso religioso sobre a violência, Deifelt reflete a partir dos seguintes argumentos:

- O discurso sobre a violência varia de acordo com o contexto e o lugar de poder das pessoas cristãs;
- A violência pouco foi questionada ante o episódio da cruz;
- Na era de Constantino, o cristianismo se tornou religião oficial do império Romano. A partir de então, a cruz passa a ser venerada, visto que no contexto Romano a violência era parte do dia-a-dia das pessoas, servindo como meio de entretenimento nas festividades ocorridas no Coliseu. Quanto mais violência, menos espanto. A violência era banalizada¹⁹;
- “Na cosmovisão romana, não havia um valor no sofrimento em si, pois ele levava à negação do mundo material”²⁰;
- Na teologia cristã, “carregar a cruz” passou a ser o ideal que justifica o sofrimento humano e garante a participação no sacrifício expiatório²¹;
- O sofrimento é idealizado, gerando passividade e relações de poder desiguais e autoritárias;
- Esse *ethos* cristão que exalta o sofrimento contrasta com o ministério de Jesus, o qual promovia vida abundante e plena para *os corpos*;

Ante o exposto, Deifelt anui que “o cristianismo adota o modo dicotômico grego de pensar e o modo romano hierárquico de administrar”²², gerando novas práticas e discursos “adequados” para esse sistema ideológico. Qual é a consequência primeira disso? A desvalorização do mundo material, do corpo e dos ciclos da vida humana; o estabelecimento de regimes de controle corporal para erradicar a realidade pecaminosa (penitência, flagelação, renúncia sexual, vigílias, orações, jejuns, exorcismos), encerra a teóloga.

A fim de controlar o corpo e a sexualidade, a moral cristã idealizou que a sexualidade e suas práticas eram atos sinônimos de pecado; logo, resistir aos desejos da carne “simbolizava a vitória de Cristo sobre a morte e a corrupção da ordem humana”²³. A

¹⁹ DEIFELT, 2008, p. 18.

²⁰ DEIFELT, 2008, p. 18-19.

²¹ DEIFELT, 2008, p. 21.

²² DEIFELT, 2008, p. 22.

²³ DEIFELT, 2008, p. 22.

negação do corpo torna-se o caminho para alçar a alma (conjecturando, assim, uma superioridade do que é *espiritual*). A sexualidade, nessa alçada, é negada (sexo = pecado) e tal pecha apregoada à sexualidade é parte da moral sexual pregada e exigida por muitas comunidades/teologias cristãs até hoje, pontua Deifelt.

O discurso religioso estabelece regras e normatiza condutas sexuais aceitáveis nas sociedades, buscando regular a vida terrena e espiritual; faz-se verdade que “o poder simbólico presente nesse discurso estabelece padrões de comportamentos como normativos”²⁴. A consequência ética dessa realidade – encerra Deifelt – é que a teologia tradicional passa a se (pré) ocupar copiosamente com a salvação da alma, minimizando ou até mesmo zerando os cuidados para com os corpos aqui e hoje. Segundo a teóloga, tal dicotomia, que separa corpo e alma e nega o corpo, é negligente frente ao sofrimento humano.

Deifelt retoma o fato histórico de que, desde os idos tempos, as mulheres, filhas de Eva (a *primeira a pecar*, mas a *segunda a ser criada*), vêm sendo acusadas de romper com esse ideal construído pela moral religiosa. Sexualmente pecadoras, sua chance de recomposição moral e salvação são possíveis por meio de sacrifício e na vivência de uma sexualidade incolor, apenas com fins de procriação (na prática, essas circunstâncias são vividas e sofridas na negação e/ou exploração do corpo feminino, na obrigação de gestar e se doar à maternidade, na violência doméstica e no sofrimento cotidiano).

Vis-à-vis essa realidade, Deifelt insiste na necessidade de uma ressignificação da cruz e da árvore da vida: “a cruz quando não ressignificada nega a sexualidade; a árvore da vida quando não ressignificada controla a sexualidade”²⁵. Resignificar esses símbolos cristãos implica em questionar teologicamente a negação do corpo e o controle da sexualidade (devidamente normatizada) corroborado pelo discurso religioso.

A autora enfatiza que ressignificar a cruz é deixar florir a sua essência de libertação e afirmação da dignidade humana: Jesus morreu na cruz porque sua vida e ministério colocaram em risco os poderes da época; a cruz como símbolo de resistência e indignação contra os poderes opressores precisa ser sempre enaltecida e resgatada; Jesus nunca negou a corporeidade, ao contrário, tratou de curar, alimentar e incluir os corpos excluídos na sociedade.

²⁴ DEIFELT, 2008, p. 28.

²⁵ DEIFELT, 2008, p. 28.

Deifelt pontua que a cruz como via para a árvore da vida (nas passagens de Atos 5:30; 10:39; 13:29; Gálatas 3:13, 1 Pedro 2:24 a cruz aparece como sinônimo de árvore) é um exercício presente na arte. Há obras em que o acesso à cruz-árvore da vida (Jesus) é controlado, reflexo de uma eclesiologia romana: só há salvação na igreja. A cruz e a árvore da vida como vias de acesso a Jesus continuam marcadas por uma caminhada de sofrimento e negação. As vias são controladas e o sofrimento carnal e humano (“*cada um carrega sua própria cruz*”) é naturalizado com fins salvíficos etéreos²⁶.

Ao passo que várias obras corroboram o sofrimento e o calvário necessários para ter acesso à cruz, existem, outrossim, demonstrações de arte que servem como eixo para refletir possibilidades de ressignificação dos símbolos, as quais estão pautadas na resiliência e no livre acesso à cruz e a Jesus Cristo, englobando a criação em sua diversidade racial, social e sexual, complementa Deifelt.

A cruz é ressignificada como solidariedade divina, clamor por justiça, indignação pelo sofrimento imposto. Ela escancara e visibiliza a violência, levando à transformação. A árvore da vida também é ressignificada. Ao invés de um confinamento ao status quo, ela aponta para novas possibilidades. [...] A cruz pode deixar de ser um instrumento de tortura e passar a ser uma árvore da vida. A árvore da vida deixa de ser símbolo de organização social hierárquica e volta a afirmar a expectativa de um mundo melhor, um mundo de vida plena, onde potencialidades podem ser atualizadas já no presente.²⁷ |

Considerações Finais

Revisitar a história é um ato presente que gera constatações sobre o passado e aponta para o futuro. No caso da Teologia da Libertação, segundo a teóloga Marcella Althaus-Reid, essa volta às origens traz à tona traços históricos que marcaram as teologias e as comunidades cristãs latino-americanas, qual seja a não inclusão das pautas de gênero e sexualidade em suas agendas e lutas *oficiais* na base. As consequências do silêncio da TdL em torno do tema da sexualidade perpassou décadas e atravessou o século, porquanto a sexualidade continua sendo objeto de árdua discordância e/ou negação em copiosos contextos teológicos cristãos, especialmente no que tange ao reconhecimento de sua *diversidade, fluidez, ambiguidade e mistura*²⁸.

²⁶ DEIFELT, 2008.

²⁷ DEIFELT, 2008, p. 30.

²⁸ MUSSKOPF, 2012b.

O silêncio também se torna discurso, e as consequências do não falar são visíveis nos corpos excluídos daqueles que não se tornam assunto e cuja sexualidade é negada e/ou colonizada. A TdL nasce na e para a luta por libertação do pobre da América Latina; suas conquistas são inegáveis e dão base para o surgimento de outras teologias que incluem outros rostos e corpos no projeto de libertação e revelam Deus, outrossim, com e a partir de outros rostos e corpos. Contudo, é inegável que o pobre da TdL era especificamente masculino e heterossexual.

A história revela que o silêncio é capaz de falar muito sobre as ideologias e as agendas que são assumidas e defendidas nas entrelinhas ou nos não ditos do discurso religioso/teológico. Retomado o assunto, é possível reconhecer urgências atuais e potenciais ressignificações a partir da teologia. Deifelt, uma voz atuante da teologia feminista – a qual busca constantemente a desconstrução para a reconstrução – assume a urgência teológica de ressignificar a cruz e a árvore da vida, símbolos cristãos que foram trazidos ao foco como sinais de violência, castigo, resignação, sofrimento e martírio (cruz), cujo acesso é restrito e estreito (árvore da vida). A ressignificação da cruz como árvore da vida é uma possibilidade de libertar a sexualidade humana das amarras da ideologia heterossexista, sexista e dicotomista (que envergam a supremacia das relações e famílias heterossexuais, do gênero masculino e da alma/espírito em detrimento do corpo, respectivamente).

A essência da cruz está na resiliência desde os atos do Jesus terreno e na luta pela superação da violência visível e escancarada em sua morte crística (não na exaltação da violência). A cruz ressignificada como símbolo excelso de resistência e libertação dos corpos (não mais como símbolo de violência, sofrimento, aprisionamento e confinamento) supera a negação da corporeidade e da sexualidade, enfatizando a vida em sua plenitude e abundante multiplicidade de vivências. A essência da árvore da vida está exatamente nessa última palavra: vida, conjugada com salvação e libertação para toda a criação que habita a terra hoje. Superar a supremacia da violência e do sofrimento relegados ao símbolo da cruz e resgatar a vida abundante, corpórea, sexual, plena e acessível da árvore da vida são urgências teológicas humanas e atuais que não podem ser/continuar silenciadas e negligenciadas por conta de uma agenda etérea.

Referências

Livros:

CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 4., 2016, São Leopoldo.
Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 4, 2016. | p. 475-487

GEBARA, Ivone. *Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. São Paulo: Vozes, 2000.

METZ, Johann Baptist. *Teologia Política*. Trad. Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.

MUSSKOPF, André. *Via (da) gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. Fonte, 2012a.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

Capítulos de livros:

ALTHAUS-REID, Marcella María. Demitologizando a teologia da libertação. Reflexões sobre poder, pobreza e sexualidade. *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, p. 455-470, 2006.

CORRÊA, Sonia; ALVES, José Eustáquio Diniz; JANNUZZI, Paulo de Martino. Direitos e saúde sexual e reprodutiva: marco teórico-conceitual e sistema de indicadores. In: CAVENAGHI, Suzana (Org.). *Indicadores municipais de saúde sexual e reprodutiva*. Rio de Janeiro: ABEP, Brasília: UNFPA, 2006.

LOURO, Guacira L. Nas Redes do Conceito de Gênero. In: LOPES, M.J.M. MEYER, D. E. WALDOW, V.R. (Orgs.) *Gênero e Saúde*. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1996.

DEIFELT, Wanda. Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violência e sexualidade. In: NEUENFELDT, Elaine et al. *Epistemologia–Violência–Sexualidade*. Editora Sinodal, 2008. Artigos em periódicos/periódicos eletrônicos:

MUSSKOPF, André. Religião e sexualidade. *Mandrágora*. v.18. n. 18, 2012b. p. 143-150.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Sociedade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

Sites de internet:

MUSSKOPF, André. *Via(da)gens teológicas. Itinerários de uma teologia queer no Brasil*.

Entrevista. IHU. 07/09/2008. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/16519-viadagens-teologicas-itinerarios-de-uma-teologia-queer-no-brasil-entrevista-especial-com-andre-musskopf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.